

IDEAU

**EM BUSCA DO HUMANO PERDIDO: O TRABALHO DOCENTE E
A DESUMANIZAÇÃO DO PROFESSOR**

**IN SEARCH OF THE LOST HUMAN: TEACHING WORK AND
THE DEHUMANIZATION OF THE TEACHER**

**EN BÚSQUEDA DEL HUMANO PERDIDO: EL TRABAJO
DOCENTE Y LA DESHUMANIZACIÓN DEL PROFESOR**

Ane Patrícia José Viana de Mira

Doutora em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS),
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: ane.mira23@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8175-8213>

Madson Fernandes de Melo Junior

Mestre em Energia e Meio Ambiente, Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, Ceará, Brasil.

Email: madsonjjunior@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1591-6562>

Ilma Ferreira de Brito

Pós-Doutorado em Educação, Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: ilmabritolima@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3529-8200>

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos

Pós-Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: guilherme.mendes@ufrn.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9086-669X>

RESUMO

O presente trabalho tem por tema a desumanização do professor decorrente de suas condições de trabalho. O objetivo consistiu analisar a constituição do professor enquanto pessoa humana no enfrentamento de sua rotina laboral. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, apoiada em autores que versam sobre a constituição integral do ser humano e a prática docente, como Frankl (1978), Freire (1996, 2015), Tardif (2017), Pimenta e Guedin (2012), Mosquera (1978), Fossatti (2013) e Scoz (2012). Para a análise de dados, utilizou-se a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016) como técnica norteadora. Os resultados apontam para a realidade que oprime os professores diante da rotina laboral, a necessidade de valorização dos docentes por meio da produção de sentido e a urgência em se pensar práticas humanizadoras em todos os setores da escola. Assim, as considerações finais realizadas levam em

DOI:10.55905/reiv6n1-007

Submitted on: 11.24.2025 | Accepted on: 1.8.2026 | Published on: 1.21.2026

conta a necessidade de novas análises e estudos sobre a condição dos professores em seu fazer docente, para se pensar em alternativas de valorização e acolhimento dos profissionais da Educação. Também para a criação de políticas públicas que se voltem a garantir processos humanizadores nas escolas, com o objetivo de formação integral de todos os sujeitos educativos, inclusive os professores.

Palavras-chave: Docência. Trabalho Docente. Desumanização dos Professores. Educação Humanizadora.

ABSTRACT

The present study addresses the dehumanization of teachers resulting from their working conditions. The objective was to analyze the constitution of the teacher as a human person in facing their daily work routine. This is a qualitative, bibliographic research supported by authors who discuss the integral constitution of the human being and teaching practice, such as Frankl (1978), Freire (1996, 2015), Tardif (2017), Pimenta and Guedin (2012), Mosquera (1978), Fossatti (2013) and Scoz (2012). Data were analyzed using content analysis proposed by Bardin (2016) as the guiding technique. The results indicate the oppressive reality experienced by teachers in their work routine, the need to value these professionals through the production of meaning, and the urgency of fostering humanizing practices in all sectors of the school. The final considerations highlight the need for further analyses and studies on the condition of teachers in their professional practice in order to develop alternatives for valuing and supporting education professionals, as well as to create public policies aimed at ensuring humanizing processes in schools, with the purpose of promoting the integral development of all educational subjects, including teachers.

Keywords: Teaching. Teaching Work. Teacher Dehumanization. Humanizing Education.

RESUMEN

El presente trabajo aborda la deshumanización del profesor derivada de sus condiciones de trabajo. El objetivo consistió en analizar la constitución del docente como persona humana frente a su rutina laboral. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter bibliográfico, sustentada en autores que discuten la constitución integral del ser humano y la práctica docente, como Frankl (1978), Freire (1996, 2015), Tardif (2017), Pimenta y Guedin (2012), Mosquera (1978), Fossatti (2013) y Scoz (2012). Para el análisis de los datos se empleó el análisis de contenido propuesto por Bardin (2016) como técnica orientadora. Los resultados señalan la realidad opresiva vivida por los profesores en su rutina laboral, la necesidad de valorar a estos profesionales mediante la producción de sentido y la urgencia de pensar prácticas humanizadoras en todos los sectores de la escuela. Las consideraciones finales destacan la necesidad de nuevos análisis y estudios sobre la condición de los docentes en su quehacer profesional, con miras a desarrollar alternativas de valorización y acogida de los profesionales de la Educación, así como crear políticas públicas que garanticen

procesos humanizadores en las escuelas, con el objetivo de promover la formación integral de todos los sujetos educativos, incluidos los profesores.

Palabras clave: Docencia. Trabajo Docente. Deshumanización de los Profesores. Educación Humanizadora.

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em escola, em educação, em humanização pela educação, o senso comum, normalmente, aponta para o professor como sendo a chave para resolver os problemas dos alunos. É sobre esse profissional que recai as inúmeras responsabilidades quanto ao cuidado dos alunos, seu bem-estar, o desenvolvimento de sua aprendizagem, a formação de bons hábitos e a constituição de seres autônomos, cidadãos conscientes e instrumentalizados para o mundo do trabalho. Entretanto, a sobrecarga laboral sobre a profissão docente, seja no sistema público ou privado de ensino, tem esvaziado esses profissionais do que nos é mais caro: sua humanização, sua acepção enquanto pessoa humana.

Considerando, ainda, o agravante da pandemia da Covid-19, “Com as escolas e demais instituições educacionais de portas fechadas desde 17 de março de 2020 até meados de setembro do mesmo ano, no Brasil, milhões de estudantes e profissionais da Educação foram forçados a reconfigurar suas práticas.” (Mira, 2023). Com essa nova realidade, vimos a tarefa de ser professor se expandir para uma sobrecarga ainda maior de trabalho, pois incluía, também, a rápida transposição de metodologias analógicas para digitais e aprendizagens em um contexto incerto e socialmente vulnerável, ou seja, o lidar com a pandemia e com suas sequelas na sociedade e até mesmo no âmbito familiar (Mira, 2023).

Não é de hoje que os noticiários mostram professores sendo agredidos verbal e fisicamente, desrespeitados em suas mais intrínsecas necessidades, tanto como profissionais quanto como seres humanos. A legislação nacional para a educação no Brasil impõe aos docentes uma pesada carga no que diz

respeito a sua atuação nas escolas quando lhes outorga a necessidade total da gestão da sala de aula, com suas inúmeras particularidades, sem garantia alguma de respaldo e cuidado, o que comentamos ter sido exacerbado com a chegada da pandemia.

São vários os estudos que analisam o mal-estar docente (Jung, Mira e Fossatti, 2017; Silva, 2015; Troitinho *et al*, 2021). Com base em alguns deles, passamos a nos questionar sobre o lugar que ocupa, hoje, o professor, frente a toda a demanda de sua profissão, de seu cotidiano laboral. Também nos deparamos com autores que versam sobre a constituição do educador como pessoa humana, em sua integralidade, e a necessidade de preservação desse aspecto da sua existência: sua humanização.

A fim de responder ao nosso questionamento, em que lugar está o professor enquanto pessoa humana, no enfrentamento de sua rotina laboral, que realizamos a presente investigação. Enquanto pesquisa qualitativa, buscamos em fontes bibliográficas o aporte teórico para nossa investigação. Os autores que ancoraram nosso estudo são Frankl (1978), Freire (1996; 2015), Tardif (2017), Pimenta e Guedin (2012), Mosquera (1978), Fossatti (2013) e Scoz (2012). Acrescentamos a esses, outros pesquisadores que têm se debruçado sobre a problemática da desumanização do professor e sua prática docente, como Mira (2017), Silva (2015) e mais recentemente o artigo de Troitinho *et al* (2021), que observam as consequências das aulas remotas durante a pandemia da Covid-19. A análise dos resultados alicerçou-se na técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (2016).

Nosso estudo apontou para diversos dilemas enfrentados pelos professores em sua rotina laboral, porém atentou com mais força para a necessidade de valorização dos docentes e a urgência em se pensar práticas humanizadoras em todos os setores da escola. Assim, as considerações finais realizadas levam em conta a necessidade de novas análises e estudos sobre a condição dos professores em seu fazer docente, para se pensar em alternativas de valorização e acolhimento dos profissionais da Educação. Evidenciou, ainda, para a criação de políticas públicas que se voltem a garantir processos

humanizadores nas escolas, com o objetivo de formação integral de todos os sujeitos educativos, inclusive os professores.

Para melhor compreensão dos resultados encontrados e análises realizadas, o presente trabalho foi arquitetado de maneira a apresentar a fundamentação teórica que alicerçou os estudos, apresentando os diálogos, com intersecções e afastamentos entre os vários autores estudados. Subsequentemente, há a descrição da metodologia empregada na pesquisa, seguida da análise dos resultados obtidos e as considerações finais. Temos por certo que há a necessidade de continuidade desse estudo, considerando, também, dados empíricos para melhor robustez do escopo dessa investigação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A carreira docente deixou, há muito tempo, de ser atraente para jovens quando se trata da escolha profissional. Salário baixo, ambiente de trabalho com pouca estrutura, falta de bons planos de carreira são alguns dos motivos apresentados (Inep, 2015). Esses são argumentos que nos levam a buscar interpretar a realidade que o professor atuante na educação básica enfrenta em seu cotidiano e que o desumaniza em sua rotina laboral. Por isso, buscamos nossa fundamentação teórica em autores que versam sobre a humanização por meio da educação. Essa humanização a que nos referimos em nosso estudo diz respeito aos processos, por meio do sistema educativo, que proporcionam a formação humana e integral de todos os sujeitos que fazem a escola, e não somente, como muitos podem acreditar, a humanização dos alunos.

Mosquera (1978) abordou o tema do professor como pessoa humana a partir de um estudo que considerou o olhar dos professores, por meio da expressão de seus sentimentos. Um dos pontos revelados no estudo foi o da frustração do professor. Os motivos elencados por Mosquera (1978) para a frustração do professor em sua rotina laboral são os seguintes:

- Excessivo número de alunos em sala de aula [...];
- Demasiada preocupação com o conteúdo da disciplina, esquecendo o processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, o verdadeiro crescimento mútuo. [...];
- Grande número de tarefas fora da sala de aula. [...];
- Diminuto salário é outro fator que frustra o professor. [...];
- Péssimo equipamento é outro grande problema. A carência de material torna as aulas insignificantes e corriqueiras. [...];
- Falta de tempo para o preparo das tarefas, já que são numerosas de devido ao elevado número de aulas a dar, não restam minutos para aperfeiçoar-se ou mesmo por as coisas em ordem;
- Demasiadas reuniões na instituição escolar. [...];
- Direção insegura, ineficaz, rígida [...];
- A falta de interesse dos alunos pela sala de aula constitui outro problema bastante candente. [...]. (Mosquera, 1978, p. 94-95).

Olhando para essa lista organizada pelo autor após exaustivo estudo junto a professores da educação básica, é possível observar que essas problemáticas não fazem parte somente dos docentes da década de 1970 (época do estudo), mas se perpetua em uma cultura que se acostumou a ver o professor como aquele profissional que trabalha “por amor” e “vocação”. Por esses “atributos”, ele levanta todos os dias para trabalhar, enfrentar um cotidiano de exigências que cada vez mais lhe são outorgadas, mas que deveriam fazer parte de outras instâncias. É “por amor” e “vocação”, ou deveria ser segundo o senso comum, que o professor trabalha.

Mosquera (1978) também chama a atenção para o fato de que o professor, antes de ser um profissional, é “[...] primeiramente, um ser humano com todos os potenciais energéticos, suas ideias, estruturas mentais e limitações.” (Mosquera, 1978, p. 90). Quando abordamos, em nosso estudo, a conceito de ser humano, nos reportamos à pesquisa de Mira (2017; 2023) que analisou as obras de Frankl (1978), Marx (2004), Mounier (2004) e Freire (2015, 2017) para formular o conceito de ser humano que aqui retomamos:

[...] ser social, produtor de seu estar no mundo e em constante diálogo consigo e com o outro, ser de realizações por meio do transcender-se no outro, na dialogicidade, em constante autorreflexão e que se personifica na medida em que tem consciência de si e de sua responsabilidade pela própria história e pela de seus pares. (Mira, 2017, 40).

Assim, em nosso estudo, apontamos para o professor como esse ser que tem sua dimensão humana perdida diante de tantas frustrações em seu cotidiano. Tanto Mosquera (1978) quanto Mira (2017; 2023) afirmam que o ser humano, ou pessoa humana, como cunhou Mounier (2004), necessita “achar um significado na vida e nas coisas da vida.” (Mosquera, 1978, p. 90). E essa busca por significado na prática docente é o que faz com que o professor tenha prazer em sua atividade laboral. Contudo, o que se nota nas análises dos autores aqui referendados, é a atividade docente como desumanizadora, constituindo para o profissional em uma armadilha: a profissão que ele tanto almejou e se esforçou para alcançar por meio da formação acadêmica, na prática sendo motivo de frustração.

Silva (2015) nos diz que “[...] as vertentes científicas que reduzem a docência a ações pedagógicas, no sentido técnico, estarão vinculadas à crise de identidade docente e ao distanciamento do pessoal e profissional.” (Silva, 2015, p. 43). A afirmação da autora dialoga e corrobora o afirmado por Mosquera (1978) quando atribui às tarefas docentes meramente burocráticas um dos motivos para a frustração do professor. Essas frustrações seguem a demanda da sociedade e de escolas regidas pela lei de mercado (Freitas, 2018). Outro termo utilizado para denotar as frustrações dos professores em sua rotina laboral é mal-estar docente. São vários os autores encontrados em nossa pesquisa que se dedicam a essa temática: mal-estar, bem-estar docente. Entre os trabalhos encontrados, destacamos o de Silva (2015), já mencionado anteriormente, de Jung, Mira e Fossatti (2017) e mais recentemente o Troitinho *et al* (2021).

Segundo Jung, Mira e Fossatti (2017, p. 158), “nesta sociedade, o presente é perpétuo e não há valorização dos conhecimentos passados, ocasionando o colapso do pensamento.”. Essa realidade em que vivemos, e que já havia sido retratada no estudo de Mosquera (1978), coloca o professor diante de responsabilidades que são pertinentes a outras esferas, como a educação das crianças (que deveria ser dada pela família), falta de renda das famílias (ocasionando em alunos com fome e sem condições humanas de estudar), violência, falta de estrutura física, conflitos de natureza ideológica e religiosa,

também abordado por Freitas (2018) ao analisar a reforma empresarial da educação.

Condições essas que fazem parte do rol de responsabilidades das políticas públicas, das famílias e gestão escolar, mas que recaem no professor como aquele profissional polivalente, capaz de resolver todos os problemas de seus alunos e suas famílias. “[...] é possível depreender que o excesso de trabalho e falta de reconhecimento, além do contínuo estado de tensão e estresse, são problemas observados na vida docente pós-moderna” (Jung; Mira; Fossatti, 2017, p. 160). Essa afirmativa dos autores coloca os professores em um difícil e contínuo estado de mal-estar docente. Em contraponto ao mal-estar docente, Fossatti (2013, p. 67) argumenta que “[...] recuperar a alegria nos ambientes educativos, universitários ou não, é desafio urgente e necessário para a vivência do bem-estar, não somente na docência, mas em todo o cenário educativo”.

Troitinho *et al* (2021) trazem à tona a discussão a respeito da saúde mental dos educadores durante a transição do ensino presencial para o ensino remoto. Analisam em seu estudo a ansiedade, o afeto negativo e o estresse de docentes durante as atividades remotas no período de isolamento imposto pela pandemia de Covid-19. Segundo os autores:

O possível impacto negativo das estratégias de trabalho pedagógico remoto na pandemia da Covid-19 sobre a saúde mental de educadores é um agravante que deve ser considerado na escolha de políticas complementares. (Troitinho *et al*, 2021, p. 5).

Assim, a partir do olhar sobre os processos que desumanizam o professor, também nos voltamos para o que Freire (2015) diz sobre a vocação ontológica do ser humano. Segundo o autor, todos nós somos seres em formação constante, em permanente diálogo com o mundo. Para ele, a vocação ontológica, ou seja, natural do ser humano, é ser mais (Freire, 2015). Esse ser mais a que o autor se refere diz respeito à integralidade intrínseca que todos nós devemos alcançar ao nos humanizarmos, ao nos tornarmos pessoas humanas. Aqui resgatamos o conceito de ser humano, pessoa humana, atribuído por Mira

(2017; 2023). O professor, ao ser constantemente colocado em lugar de não-humano, de ter sua subjetividade negada na rotina laboral, deixa de ser mais, deixa de produzir sentido à sua vida. É o constante mal-estar docente à que é exposto que coloca o professor, enquanto sujeito educativo, no lugar de menos.

Nesse interim, o professor perde seu lugar enquanto ser humano para tornar-se mero reproduzidor de um sistema que insiste em sabotar a formação integral. Olhando assim, parece esse um problema sem solução. Porém, Jung, Mira e Fossatti (2017, p. 164) defendem que

Os problemas que acompanham a docência desde o seu desenvolvimento histórico, são complexos e não há como superá-los a curto prazo. Entretanto, a formação, seja ela inicial ou continuada, a troca com os colegas de profissão, poderá atuar como aliada ao sujeito que está preenchido de algo que faz sentido para sua existência se alimenta disso como estratégia de superação.

Dessa forma, segundo os autores, seria na produção de sentido de vida que o professor encontraria saída para o mal-estar produzido em sua rotina laboral. Segundo Frankl (1978) é na produção de sentido que os seres humanos se formam enquanto seres subjetivos. O autor coloca o amor e o engajamento em causas como fontes de produção de sentido capaz de superar as adversidades a que somos submetidos no cotidiano. Quanto ao amor, Freire também atribui a esse sentimento, a que ele chama de amorosidade (Freire, 2015), um dos pilares da realização docente. Porém, o professor, ao passar por constante processo desumanizador em sua rotina laboral, encontra dificuldades em alicerçar sua prática com amorosidade.

O professor, alijado de sua identidade como pessoa humana, pode apresentar dificuldade em resgatar sua subjetividade. Sobre esse aspecto da constituição do professor, Scoz (2012) associa a subjetividade à identidade em permanente construção. Assim, “os sujeitos vão se produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes formas de atividade e formas de relação.” (Scoz, 2012, p. 29). A autora ainda menciona que o professor, enquanto agente de mudança pela educação, precisa olhar seu entorno de forma crítica, exercendo

seu pensamento e ressignificando os espaços que ocupa. Só, assim, segundo Scoz (2012, p. 33), é possível “[...] gerar novos sentidos que contribuam para modificações nos espaços sociais dentro dos quais atuam (os professores)”.

Em conformidade com o pensamento de Scoz (2012), Pimenta e Ghedin (2012) analisam a produção de sentido na docência a partir de uma atitude reflexiva e consciente do professor. Os autores afirmam que:

O ser humano é fundado neste movimento contínuo, permanente e duradouro de pensar fazendo-se e ao fazer-se pensante fundamentar-se historicamente no tempo e só esta historicidade possibilita e condiciona toda a emergência de seu vir-a-ser. Assim, o trabalho é um processo contínuo e permanente de autoconstrução que se faz pela abstração e concretização do mesmo. Ele institui uma dialética do fazer-se e do ser. (Pimenta; Ghedin, 2012, p. 150).

Os autores, desse modo, se alinham ao movimento pedagógico proposto por Freire (1996) quando discorre sobre os saberes necessários para que os professores exerçam a docência e por ela se humanizem: “O momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (Freire, 1996, p. 39). Conforme Freire (1996), é no olhar sobre o cotidiano laboral, sobre o fazer docente, de forma crítica, que o professor se situa historicamente, em constante refazer-se. Ou seja, é no ato estar professor que o humano se faz, que o docente atinge o ser mais enquanto vocação de ser humano, ser pessoa humana.

Nesse aspecto, nós nos voltamos mais uma vez à lista de motivos para as frustrações do cotidiano laboral elaborada por Mosquera (1978). Segundo os demais autores citados até aqui, não é ignorando os problemas, os motivos de frustrações, que o professor dará conta de superá-los, mas olhá-los de forma crítica e consciente. O que, de certa forma, contribui para a personificação do professor, para o resgate de sua subjetividade, atribuída à sua constituição enquanto ser humano integral. Por meio da reflexão, o professor se vê em sua prática diária, considerando toda sua carga de rotina e responsabilidades cada vez mais novas e urgentes, sem se perder nos processos que o massificam e o

tornam apenas mais uma peça no mecanismo institucional. Assim, Pimenta e Ghedin (2012, p. 168) sustentam que

Se é possível que a educação do presente seja aquela que propicie, no ensino, espaços de reflexão crítica e criativa, como condição necessária à socialização e à humanização, ela implica, também, um novo horizonte de compreensão do sentido da existência humana e de todas as suas relações sociopolíticas.

Essa afirmação nos diz que o professor se faz humano na perspectiva da reflexão de sua prática, no diálogo com o mundo educativo, o que está intimamente ligado ao conhecimento adquirido e em constante formação de seu ser subjetivo enquanto ser também aprendente (Freire, 1996; 2015). Tardif (2014) postula que “O saber dos professores é profundamente social e é, ao mesmo tempo, o saber dos atores individuais que o incorporam à sua prática profissional para a ela adaptá-lo e para transformá-lo.” (Tardif, 2014, p. 15). Ou seja, o fazer docente depende da ação social dos indivíduos, dos sujeitos educativos docentes, em constante reflexão de seu conhecimento para, então, poder transformá-lo. Quando tem sua subjetividade levada em conta nos processos educativos, quando o professor se vê como ser em formação, juntamente com os alunos e demais sujeitos da escola, passa a exercer um papel não coadjuvante, que o coloca somente como respondente de demandas alheias a sua vontade. O professor que é visto como ser humano, e que assim também se vê, utiliza a reflexão de sua prática como forma de transformar a realidade que o cerca, apoderando-se de mecanismos de diálogo com a realidade circundante.

Tardif (2014) argumenta, ainda, que é no trabalho colaborativo que os professores se veem como seres humanos entre outros seres humanos, o que se alinha a um dos princípios fundantes na pedagogia de Freire (1996; 2015), que é o do diálogo enquanto espaço de trocas de saberes que se retroalimentam e geram um novo saber, mais consistente. “O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos.” (Tardif, 2014, p. 49), e é nessa interação que o professor se constitui como profissional e como ser humano. Tardif (2014) também afirma que a atividade

docente só se realiza por meio da interação com outras pessoas, “[...] num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante [...]”. (Tardif, 2014, p. 50).

Todos esses fatores, ou seja, frustrações do professor em sua rotina laboral, manutenção do mal-estar docente, falta de sentido de vida no labor educativo, contribuem para a desumanização do professor em sua rotina laboral. É exatamente o contrário do que deveria ocorrer nos espaços educativos. Tomando novamente a teoria de Freire (2015) quanto à vocação ontológica do ser humano de ser mais, a escola acaba levando o professor a ser menos, colocando-o em um lugar de desprestígio perante a comunidade escolar e perante a si próprio, o que só contribui para que o fator da constituição humana se perca no cotidiano de sua profissão.

3 METODOLOGIA

Nessa seção, nos detivemos a descrever a metodologia empregada em nosso estudo. Embora haja outras modalidades de pesquisa em ciências sociais, como a de análise quantitativa, pela temática por nós investigada, optamos pela pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico. Quanto à pesquisa qualitativa, Yin (2016) salienta que “A amplitude do que se chama pesquisa qualitativa abrange um mosaico de orientações, bem como de escolhas metodológicas.” (Yin, 2016, p. 10). Por isso, convencionamos nosso estudo dentro desse perfil metodológico, por nos permitir lançar olhares diversos, a partir dos autores selecionados, para nosso objeto de estudo: a desumanização do professor em sua rotina laboral.

Para isso, realizamos busca por trabalhos sobre o tema do estudo. Consultamos o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em dezembro de 2024. A pesquisa no referido portal seguiu os seguintes critérios:

- a) artigos publicados entre os anos de 2019 e 2024 (o que garante o extrato mais atual de produção científica sobre o tema);
- b) artigos nacionais (visto o contexto brasileiro);
- c) artigos de acesso aberto;

- d) artigos revisados por pares;
- e) artigos que estivessem inscritos na área das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas; referenciassem a educação básica (escopo de nosso estudo).

Descritos esses critérios de inclusão, procedemos à busca pelo descritor “desumanização docente”, para o qual encontramos 10 (dez) artigos. Após a leitura dos resumos dos trabalhos, o artigo de Pinho e Neto (2020) e o de Troitinho *et al* (2021) foram selecionados pela aderência ao tema de nosso estudo. Os demais não atenderam aos critérios de filtragem. Em sua maioria, os textos abordavam questões relativas à saúde física de docentes de nível superior e temas provenientes da internacionalização e descolonização da educação.

Importante mencionar que esse tipo de busca apresenta algumas limitações, como o acesso CAFe (Comunidade Acadêmica Federada)¹ e restrições do Portal. O Portal Capes tem conteúdos restritos a instituições participantes, ou seja, a interface *web* pública às vezes retorna conteúdo restrito. Paucidade do termo exato: o termo composto “desumanização docente” não é extremamente difundido como descritor padronizado; o que aparece com mais frequência são variações: “desumanização”, “desumanização docente”, “processos desumanizadores na docência”, “precarização e desumanização do trabalho docente” etc. Algumas publicações discutem o fenômeno sem usar exatamente a expressão exata. Por isso, a triagem incluiu menções próximas/variantes. Relevância para “educação básica”: nem todos os artigos que usam “desumanização” incidem diretamente sobre a educação básica (alguns tratam literatura, políticas gerais, migração, educação superior etc.). Classificamos aqui apenas os itens que explicitamente tratam docência/educação básica ou que são úteis como fundamentação teórica.

¹ CAFe" se refere à Comunidade Acadêmica Federada, que é uma rede de acesso a serviços digitais para universidades e centros de pesquisa, enquanto "restrições do Portal" geralmente se referem às limitações para acessar informações do Portal de Periódicos da Capes, que podem incluir não estar na rede autorizada, não ter uma conta configurada, ou tentar acessar um conteúdo não assinado pela instituição.

Quadro 1: Artigos portal Capes

Autor	Título	Periódico	Ano
Ribeiro, Silva, Almeida	Educação e desigualdade social na atualidade: uma discussão a partir do conceito de pensamento abissal	Rev. Profissão Docente	2019
Pinho, Neto	Como humanizar a quem ensina? A necessidade de uma formação acadêmica humanizada para o docente em nossa contemporaneidade	Rev. Expressão Católica	2020
Troitinho et alii	Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19	Rev.Trabalho, Educação e Saúde	2021
Both, Bissoli	Formação docente e trabalho educativo na educação infantil: algumas reflexões	Universidade Nove de Julho	2021
Carvalho, Santos	Desformações em rede	Revista Docência e Cibercultura	2021
Silva, Baccar, Pinto	Por um projeto decolonial de formação de docentes: a vez da Matemática do professor	Rev. Internacional de Pesquisa em Educação Matemática	2021
Moura	Os desdobramentos da crise estrutural do capital no trabalho docente: a partir do governo Collor (1990-1992) ao governo Lula (2003-2008)	Rev. Pesquisa e Ensino	2022
Martins, Souza, Souza	Escrevivências das juventudes negras e LGBTQI+	Rev. Diversidade e Educação	2022
Franciosi, Testa, Both	Avaliação da Síndrome de Burnout de professores de Educação Física conforme as variáveis sociodemográficas	Rev. EF Deportes	2022
Pelegri, Pereira	As políticas de avaliação externa e suas repercussões no trabalho do docente	Rev. Olhares e Trilhas	2022
Accorssi, Ferreira, Veiga Júnior, Sinãni,	Educação e decolonialidade desde o Brasil: aproximações entre Dussel e Freire	Rev. da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia	2023

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Assim, voltamos-nos ao segundo descritor com maior proximidade temática de nosso estudo: “mal-estar docente”. Para os critérios anteriormente elencados, encontramos 7 (sete) trabalhos. Realizamos a leitura dos resumos do total de trabalhos, porém os trabalhos versam sobre escopos muito específicos, como adoecimento, formação nas licenciaturas e o ensino de Física.

A escassez de trabalhos sobre o tema e sua restrição a poucos autores denotam que a produção acadêmica especificamente sobre o mal/ bem-estar docente em sua rotina laboral precisa ser ampliada. Isso porque a ciência se faz a partir das lacunas existentes em trabalhos desenvolvidos por diversos atores da pesquisa. Além disso, a falta de aprofundamento sobre os processos que desumanizam o professor no espaço laboral pode ser interpretada como uma

anuência da academia sobre o papel do professor de educação básica na contemporaneidade. Assim, mantivemo-nos atentos a nossa temática de pesquisa, considerando nosso estudo uma tentativa de trazer ao circuito de produção científica a relevância e pertinência de nos aproximarmos dos docentes e analisarmos a conjuntura desumanizadora em que trabalham.

Após essa consulta ao banco de periódicos da Capes e à leitura dos resumos, convencionamos trazer os artigos citados para a discussão dos resultados obtidos após a análise das fontes bibliográficas. Para a análise dos resultados da pesquisa bibliográfica, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2016). Por isso, seguimos atentamente às fases de seleção do material que seria analisado, considerando que, desde o primeiro contato com as obras, já se estaria procedendo ao que Bardin (2016) denomina pré-análise. Após a leitura flutuante, configuramos nosso corpus de estudo nos textos de Frankl (1978), Freire (1996, 2015), Tardif (2017), Pimenta e Guedin (2012), Mosquera (1978), Fossatti (2013) e Scoz (2012). Esses se mantiveram em nosso estudo por pertinência e relevância ao tema proposto.

Com os trabalhos selecionados, passamos à exploração do material (leitura profunda dos textos) no que resultou em três categoria de análise: a) a realidade que oprime os professores diante da rotina laboral; b) a necessidade de valorização dos docentes por meio da produção de sentido e c) a urgência em se pensar práticas humanizadoras em todos os setores da escola. Com os resultados em mãos, procedemos a sua análise e interpretação, conforme exposto na próxima sessão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como já mencionamos anteriormente, os estudos das obras elencadas para essa investigação, conforme descrito na metodologia, resultou em três categorias a respeito da desumanização do professor em sua rotina laboral. Essas categorias subjazem no fazer cotidiano do professor, em sua estada na escola e em sua vida fora do contexto escolar, porém que lhe outorga um *status*

que lhe dura o tempo todo de sua vida. Por esse viés, analisamos as três categorias pautados nos autores elencados como nossa base teórica.

Um dos pontos relevantes de nosso estudo apontou para o fato de que a realidade vivenciada no cotidiano da escola oprime os professores diante da rotina laboral. A pessoa do professor se perde em meio as várias responsabilidades de seu cotidiano. É esperado do profissional um número considerável de competências para desenvolver com seu trabalho, competências essas que vão além do que lhe cabe como docente. Assim como Mosquera (1978) categorizou os motivos que geram frustrações nos professores, podemos observar esses como desencadeadores do mal-estar docente. O que se pode constatar é que não basta ser professor em seu ambiente de trabalho. A sociedade atual exige que o ser humano que é professor o seja em tempo integral, porém desconsidera que o professor não é uma entidade onisciente e onipresente. Todo docente necessita de tempo para si, para formar-se humano.

Sampaio e Stöbal (2016) analisam justamente os impasses dos professores em início de carreira quanto aos aspectos geradores de mal-estar e bem-estar docente. Os autores analisaram contextos de mudança, em que os novos profissionais se inserem no mercado de trabalho com expectativas que acabam por não se cumprir no cotidiano da profissão. Assim, interpretam esse como um momento que gera muitas controvérsias nos novos profissionais, levando alguns, inclusive, a desistir da carreira. Afirmam:

Paulatinamente, observamos a discrepância entre o processo de formação docente e as novas demandas na Educação, as quais surgem, como já destacamos, cada vez de forma mais rápida. Estamos diante de fatos do contexto de formação docente, que nos obrigam primeiramente a reconhecer a existência de novas dificuldades para exercer a docência. (Sampaio; Stöbal, 2016, p. 145).

A rotina laboral dos professores tem lhes levado à condição de mal-estar por inúmeros fatores. Sampaio e Stöbal (2016) analisaram, em seus estudos, três estados motivacionais em que podem se encontrar os novos professores em início de carreira: indiferentes, satisfeitos ou desiludidos. Assim, muitos acabam

desistindo de exercer a profissão, enquanto outros continuam, porém, desmotivados. Aos que se sentem satisfeitos, podemos observá-los a partir da segunda categoria de análise: a necessidade de valorização dos docentes por meio da produção de sentido.

Quanto a essa categoria podemos resgatar os estudos de Fossatti (2013) quanto ao sentido de vida de profissionais docentes. O autor toma a teoria de Frankl (1978) como base para sua análise de entrevistas realizadas com docentes selecionados previamente (por meio de questionário respondido por alunos). Os 10 (dez) profissionais que haviam sido mais citados pelos discentes passaram a ser o campo empírico do pesquisador. Fossatti (2013) trouxe à tona um importante fator de promoção da felicidade e realização na profissão docente: o sentido de vida.

O professor que encontra sentido de vida, de construção de sua subjetividade por meio de sua prática cotidiana é mais bem-sucedido em sua carreira. Segundo o autor, um dos elementos a serem considerados para a constituição de um sentido de vida na prática docente é o amor com que esse profissional enxerga seu labor. O amor, que Fossatti (2013) resgata de Frankl (1978) pode ser analisado sob a ótica da pedagogia freiriana que aborda a amorosidade como um dos elementos a serem desenvolvidos pelos professores em sua práxis cotidiana (Freire, 1996).

Frankl (1978) também menciona a doação ou engajamento a uma causa ou a alguém. O que na prática profissional docente pode ser entendido como o engajamento a que Freire faz alusão (Freire, 2015), inclusive o que se trata de um engajamento político da educação. E aqui, vale frisar, não se reduz ao aspecto político-partidário, embora não o desmereça, mas na decisão política pela educação cidadã que considera todas as dimensões do ser humano e que deve ser vista também como uma necessidade do próprio professor, não só em sua formação inicial, mas por toda a sua carreira. Esse sentido seria, segundo Fossatti (2013), transcendente, que vai além do estar professor, seria o ser, constituído professor:

[...] o ser-homem sempre indica um transcender na direção de um sentido, que o homem preenche, ou de um companheiro, que ele encontra. E somente na medida em que o homem assim se transcende, ele se realiza – a serviço de uma causa, por amor a alguém. Dito de outra forma: o homem só se torna completamente homem quando se dirige para uma causa ou para uma pessoa. E só chega a se realizar quando se esquece e se supera a si mesmo (Frankl, 1978, p. 63-64).

Essas duas categorias, dissociáveis, nos levou à terceira categoria, que pesa sobre as práticas no contexto escolar: a urgência em se pensar práticas humanizadoras em todos os setores da escola.

Segundo Mira (2017; 2023), a humanização é uma das interfaces da educação que é muito apregoada, discutida, porém pouco praticada no cotidiano escolar quando se trata da humanização dos professores. Em sua pesquisa, a autora analisou cinco categorias, a que ela chama de princípios, para uma gestão escolar humanizadora: 1) Princípio da Aplicação Pedagógica dos Preceitos Legais; 2) Princípio do Exercício da Cidadania; 3) Princípio do Diálogo; 4) Princípio da Integração do saber, do fazer, do ser e do conviver no projeto de vida dos sujeitos educativos e 5) Princípio da Pedagogia do Cuidado. Esses cinco princípios estão articulados de forma a que nenhum possa ser desconsiderado quando se trata de uma gestão escolar humanizadora. De acordo com nosso estudo, esses princípios podem ser incorporados ao cotidiano da escola, de forma a atingir a todos os seus sujeitos.

O estudo de Mira (2017) mostrou que as práticas humanizadoras na escola partem, também, da motivação e engajamento da gestão escolar. Trata-se de uma gestão escolar também humanizada e consciente de seu papel para todos os sujeitos educativos. O que Sampaio e Stöbal observam como mal-estar docente, Mira (2017) posiciona como consequência de uma gestão omissa quanto aos elementos constituintes da dimensão humana de todos os que fazem a escola.

Tomando o humanismo em Paulo Freire como base de sua investigação, Mira (2017) defende uma gestão escolar posicionada, consciente de seu papel na formação humana também dos professores inseridos no cotidiano escolar. A autora afirma, sobre a atuação da gestão escolar que:

Decidir os rumos da Educação, mesmo que no âmbito de uma unidade escolar, demanda dos sujeitos da gestão a tomada de decisão política pelo modelo de sociedade que considera formar e pela concepção de ser humano que pretende educar.” (Mira, 2017, p. 131).

Dessa forma, é relevante a categoria que emergiu de nossa pesquisa sobre a urgência de práticas humanizadoras em todos os setores da escola, pois

Por isso, continuamos investigando os processos pelos quais a educação, observada aqui no espaço institucionalizado da escola, precisa passar enquanto entidade formadora de seres humanos voltados não só para o mercado de trabalho e de consumo, não só para atender dispositivos legais que, muitas vezes, não chegam a ser compreendidos em sua totalidade pela gestão das unidades de ensino. Entender a necessidade social da ampliação dos processos de humanização a partir do espaço escolar é imperativo para forjar a educação libertadora. (Mira, 2017, p. 41).

É urgente que as escolas, motivadas por suas gestões, pensem em prática humanizadoras que englobem professores, alunos e suas famílias em busca de uma escola sadia, em que o cotidiano laboral não desumanize os professores, ao contrário, contribua para seu crescimento como ser humano integral.

5 CONCLUSÃO

Nossa investigação partiu da análise de diversos autores que se debruçam a estudar os elementos que influenciam positiva e negativamente o professor enquanto ser humano, inserido em um ambiente de trabalho hostil.

Assim, partimos da análise das três categorias elencadas (a saber: a) a realidade que oprime os professores diante da rotina laboral; b) a necessidade de valorização dos docentes por meio da produção de sentido e c) a urgência em se pensar práticas humanizadoras em todos os setores da escola) e consideramos que:

Tendo em vista o cenário atual da educação brasileira, com professores cada vez mais desvalorizados, planos de educação pautados em metas quantitativas de rendimento dos alunos (como os resultados do Enem e do Ideb),

sucateamento dos espaços educativos e silenciamento da voz dos docentes frente às controvérsias do atual governo, faz-se urgente atitudes cotidianas de resgate da humanização nas escolas.

Não basta que estudos apontem as lacunas existentes entre teoria e prática, discurso e prática. É necessário que esses estudos avancem para dentro das escolas, modificando sua práxis por meio da conscientização de seus sujeitos, sendo esses da gestão, da docência, da discência e suas famílias.

Também é fato que nossa investigação apresenta delimitações e que pode ser ampliada ao entrar nas escolas e ouvir os professores por meio de uma pesquisa de campo. Sugerimos a continuidade desse estudo por meio da pesquisa-ação, pois essa permite ao pesquisador retratar a realidade e contribuir para sua mudança em parceria com os sujeitos pesquisados.

Outrossim, resgatamos a subjetividade do ser humano e do processo de humanização, pela consciência, alteridade, engajamento e produção de sentido a fim de oportunizar a todos os sujeitos educativos a realização da vocação ontológica dos seres humanos, a vocação de *ser mais* e nunca menos, de viver em uma comunidade mais fraterna, respeitosa, pacífica, mas não passiva, consciente de seus direitos e deveres, que exerçam a cidadania de maneira participativa em prol do bem de todos. Assim, seres humanos em contínuo processo de educar e educar-se, conscientes de sua inconclusão, somente humanos pelo diálogo com os outros.

Dessa forma, reafirmamos que a transformação da escola em um espaço verdadeiramente humanizador exige não apenas mudanças estruturais e políticas, mas sobretudo uma mudança de olhar sobre o papel do professor e dos demais sujeitos educativos. É preciso reconhecer que a educação não se sustenta apenas em indicadores de desempenho, mas sim na construção de vínculos, no respeito à diversidade e na promoção de práticas pedagógicas que acolham, inspirem e libertem. A escola deve ser lugar de escuta, de afeto e de resistência, onde o professor possa exercer sua profissão com dignidade e sentido, e onde os estudantes possam se formar como cidadãos críticos e atuantes.

Por fim, acreditamos que o caminho para uma educação mais justa e humanizada passa pela valorização da experiência docente e pela reconstrução coletiva do sentido de educar. Ao promover o diálogo entre teoria e prática, entre pesquisa e ação, entre sujeito e comunidade, abrimos possibilidades para que a escola se torne um espaço de transformação social. Que esse estudo possa servir como ponto de partida para novas investigações e ações concretas, comprometidas com a construção de uma educação que respeite e potencialize a humanidade de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- FOSSATTI, P. **Perfil docente e produção de sentido**. Canoas/RS: Ed. Unilasalle, 2013.
- FRANKL, V. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 59ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes docentes à prática educativa**. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, L. C. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- INEP. Movimento Todos pela Educação. **Pesquisa SiSu**. 2015. Disponível em <http://m.leiaja.com/carreiras/2018/06/29/baixa-procura-por-licenciaturas-exigencias-medidas/> Acesso 10 dez 2018.
- JUNG, H.; MIRA, A. P.; FOSSATTI, P. A contribuição de Anísio Teixeira para a promoção do bem-estar docente. **REICE Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, 2017, 15(3), 151-167. Disponível em <https://revistas.uam.es/index.php/reice/article/view/7969/8224>. Acesso em 05 jan 2018.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MIRA, A. P. V. J. **Princípios para uma gestão escolar humanizadora a partir do humanismo em Paulo Freire**. 144f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2017. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5480059 Acesso em: 10 de nov 2024.
- MIRA, A. P. V. J. **A reforma do ensino médio pela lei 13.415/2017: uma política de currículo de muitos nós nas threads do Twitter**. 161f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13942268 Acesso em: 10 de nov 2024.
- MOSQUERA, J. **O professor como pessoa**. 2ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- MOUNIER, E. **O personalismo**. São Paulo: Centauro, 2014.
- PARO, V. H. **Professor: artesão ou operário?** São Paulo: Cortez, 2018.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHO, A. M.; NETO, M. S. A. Como humanizar a quem ensina? A necessidade de uma formação acadêmica humanizada para o docente em nossa contemporaneidade. **Rev. Expressão Católica**, v. 9, n. 2, 2020.

Disponível em

<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/4013> Acesso em 26 de dez 2024.

SAMPAIO, A. A.; STÖBAL, C. D. Mal/Bem-estar na formação inicial docente: perspectivas em contextos de mudanças. **Perspec. Dial.: Rev. Educ. e Soc.**, Naviraí, v.3, n.5, p.143-160, jan.-jun. 2016.

SCOZ, B. **Identidade e subjetividade de professores: sentidos do aprender e do ensinar**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

SILVA, J. C. **A influência do gestor no bem-estar docente**. Dissertação (mestrado). 113 fls. Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário La Salle. Canoas/RS: Unilasalle, 2015. Disponível em <file:///C:/Users/user/Downloads/SILVA,%20JULIANA%202015.pdf> Acesso em 10 dez 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TROITINHO, M. C. R. *et al.* Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19. **Rev, TES: Trabalho, Educação, Saúde**. v. 19, p. 2-20, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tes/a/W93PH7nPTTmYpDDC3bZXTR/?lang=pt>. Acesso em 26 de dez 2024.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.